



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Cambro, 58-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL

Enc. telegr. Talita - Lisboa - Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TRABALHADORES: ATENÇÃO!

Pretendem esbulhar-vos da regalia das 8 horas de trabalho!

Dizem os jornais que a comissão parlamentar de trabalho resolveu elaborar, com urgência, um projecto para ser presente à câmara dos deputados, "consignando os princípios basilares do actual horário de trabalho, servindo de revisão ao presente decreto o regulamento em vigor".

Sabemos o que isto quer dizer. Quer dizer que se trama no sentido de tornar o actual regulamento pior que o que está, pretendendo substituir a sua base fundamental, que é o **DIA MÁXIMO** de 8 horas de trabalho, pelo **DIA NORMAL** de 8 horas.

E, com esta ardilosa subtilidade, tornada realidade, conseguiria a burguesia anular a regalia que vem de ser sancionada pelo Estado, porquanto os trabalhadores passariam, como ela pretende, a trabalhar 10 horas.

¿Consentirá a classe operária que se leve a efeito a sórdida mistificação?

Tudo depende da sua atitude, que se fôr firme, enérgica, decidida, evitará um tam perigoso como vergonhoso recuo.

O OPERÁRIO QUERE A REVOLUÇÃO SOCIAL

Uma notícia, ou, se o preferirmos, uma denúncia, tam alviada como destituída do fundamento, há pouco dada à luz por um jornal da noite, fornece-nos ensejo para, uma vez mais, explicar à erudita ignorância da gente dominante que nos mira quais são, verdadeiramente, os pontos de vista essenciais e comuns entre o operariado, no que respeita a revolução social. Temos notado, e quem quiser o nota, que no ataque feito às aspirações da classe trabalhadora se usa em regra a malevolência mais requintada com a ignorância mais profunda. A malevolência explica-se, pôsto que guerras laias não pôde haver-las, desde que um dos contendores não escolha meios. Dos que nos são adversos, verdade seja dita, não esperamos já mais honestidade no ataque que nos é continuamente dirigido, e bem sabemos que se entrassem a adoptar-los, os que nos combatem, processos pautados pela honestidade mais estrita, mal lhes iria breve, pois no dia seguinte seriamos nós os vencedores, apenas pela força, ora latente e sempre inderestrutível, da razão que nos assiste. Não é, portanto, a malevolência dos adversários que nos espanta. O que realmente nos faz pasmar é a ignorância das nossas contrárias a respeito das tendências operárias por eles combatidas. É estúpido, isto. Quando duas entidades lutam entre si, o natural é a regra é que cada uma delas procure conhecer as certas posições da outra, da inimiga e tatear-lhes as balizas habituais. Balizas não temos nós, pôsto que sempre lutamos do peito descoberto, arriscados a morrer por um tiro ou pela fome, consoante seja o Estado ou o Patrão quem nos faça frente. E quanto a posições estratégicas, não bulindo nas sédes sindicais, só temos posições morais ou ideológicas. Estas são precisamente as que os nossos adversários deviam procurar conhecer, antes de lançar-nos a primeira pedrada. Pois não conhecem nem muito nem pouco. Nem nada.

Há pessoas de muito respeito que articulam em gazetas o suposto que «socialismo» classifica um sistema político onde os homens seriam coagidos a igualar-se até o ponto de ficarem todos com a mesma altura e o mesmo peso, e também todos, no que respeita ao mental, tam estúpidos como eles, os articulantes. Contrayórias do tal ordem desconhecem, e quando é um de nós coadjuvado de modo ordenado resposta não acha além da de enviar o opo-nente para a aprendizagem nótoria das primeiras letras da sociologia. Cresçam, mas não se multipliquem, que o mundo regorgita já de parvos em variados gostos. Cresçam e aprendam, para aparecerem posteriormente, ou, doutro modo, calem-se e deixem-se de ataques ou apreciações a assuntos que intencionalmente são desconhecidos e estranhos.

Ora, no que respeita às opiniões da classe operária organiza-

NOTAS & COMENTÁRIOS PELA POLÍTICA

— Ora seja muito bem aparecido! — Tenho andado um pouco adontado... — Isso é que é mau; isso é que é mau. Pois em tempo andado ando por encontrar-lhe para nos seguirmos na nossa conversação do outro dia.

— Em que eu sustentei, contra a opinião dos que gritam que a redução do trabalho a 8 horas não é de grande utilidade para a indústria nacional, que, pelo contrário, ela será o principal factor do desenvolvimento e prosperidade industrial do país.

— Estou fustado interessado em ouvi-lo demonstrar essa sua tese.

— E não me será difícil. Ora ouça.

— São todos unânimes.

— Pois bem. Não ignora, por certo, a tendência do patrão em limitar o salário ao mínimo dos meios de subsistência que carece o operário para viver e reproduzir-se. E não desconhece também, por certo, uma outra lei económica que consiste em que o salário aumenta ou diminui consoante a escassez ou abundância da mão de obra, isto é, do maior ou menor número de desocupados. Em virtude destas leis do salário, quando a abundância de braços existe, o capitalista com facilidade consegue baixar os salários do seu efectivo e prolongar a jornada de trabalho ao seu máximo. Ora para reduzir essa abundância de braços, tem prejudicial ao trabalhador, há só dois meios: e empregado e a limitação da jornada de trabalho. Com efeito, a redução de horas de trabalho, obrigando a emissão de mais pessoas para o mercado de trabalho, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

NOTAS & COMENTÁRIOS PELA POLÍTICA

O parlamentarismo europeu está decididamente atacado de um grave mal... Da Inglaterra partiu o sinal de obstrução e da desordem sistemática... Sucessivamente todas as assembleias do continente europeu se lançaram no caminho que abriram os home-rulers irlandeses. Nos Estados Unidos... Na Itália... na Bélgica, até há pouco citada como país modelo, todos tem conhecido a obstrução na sua forma mais brutal: gritos, cantos, murros, campanhas... É aqui como se viu o parlamentarismo, no seu próprio santuário. É necessário ser cego para não ver isto um sinal dos tempos... Le Temps, Paris.

— Ora seja muito bem aparecido! — Tenho andado um pouco adontado... — Isso é que é mau; isso é que é mau. Pois em tempo andado ando por encontrar-lhe para nos seguirmos na nossa conversação do outro dia.

— Em que eu sustentei, contra a opinião dos que gritam que a redução do trabalho a 8 horas não é de grande utilidade para a indústria nacional, que, pelo contrário, ela será o principal factor do desenvolvimento e prosperidade industrial do país.

— Estou fustado interessado em ouvi-lo demonstrar essa sua tese.

— E não me será difícil. Ora ouça.

— São todos unânimes.

— Pois bem. Não ignora, por certo, a tendência do patrão em limitar o salário ao mínimo dos meios de subsistência que carece o operário para viver e reproduzir-se. E não desconhece também, por certo, uma outra lei económica que consiste em que o salário aumenta ou diminui consoante a escassez ou abundância da mão de obra, isto é, do maior ou menor número de desocupados. Em virtude destas leis do salário, quando a abundância de braços existe, o capitalista com facilidade consegue baixar os salários do seu efectivo e prolongar a jornada de trabalho ao seu máximo. Ora para reduzir essa abundância de braços, tem prejudicial ao trabalhador, há só dois meios: e empregado e a limitação da jornada de trabalho. Com efeito, a redução de horas de trabalho, obrigando a emissão de mais pessoas para o mercado de trabalho, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

— Já lá vamos. Continue seguindo o meu raciocínio. Como defendi-se o patrão industrial da situação criada pela redução de horas de trabalho e pela elevação do salário, não se dá de obra for tam pouco, absorve o legado dos desocupados e não tendo os que trabalham que receer a concorrência destes, podem, sendo obtido o maior salário, pelo menos, manter o mesmo que antes.

— E não é o senhor que isso é útil ao desenvolvimento das indústrias?

memorativo do combate de Agueda, ao norte desta vila?

Daquelles dez projectos, foram aprovados cinco, outro baixou à comissão para dar parecer às propostas de emenda ao mesmo apresentadas, outro ficou para continuar a ser discutido na próxima sessão, e os restantes não houve tempo para serem apreciados.

Dentre estes restantes, figura um sobre a permissão do jogo na Madeira, que a minoria socialista mostra-se disposta a empregar todos os esforços para que não passe, requerendo que a sua discussão se adie, para ser feita juntamente com a do parecer n.º 138, relativo ao projecto de lei sobre turismo.

Será, então, posto à prova o valor da oposição socialista.

Mais um monopólio.

Dos projectos ontem aprovados, fez parte um, pelo qual ficou prorrogado por mais 20 anos, a contar de 10 de agosto de 1921, o prazo fixado pela condição 1.ª da lei de 15 de julho de 1903, lei que estabeleceu a indústria da cultura das plantas saccharinas, e correspondente fabrico de açúcar e seus derivados, nas ilhas de S. Miguel e Terceira.

Foi aprovado por 53 deputados contra 14. Deste 14 faziam parte seis democratas e os socialistas.

Verificada a aprovação do projecto, o sr. Augusto Dias da Silva exclamou: — Mais um monopólio!

Mas os republicanos continuaram a dizer que são contra eles. E foi para isto que se fez a revolução de 5 de outubro!

O intervencionismo dos sociais-patriotas

Pela Confederação Regional Socialista do Sul foi editado um manifesto, que agora nos chegou às mãos, onde condena severamente o intervencionismo que lava nas fileiras sociais-patriotas. É um documento em que recordam as decisões de vários congressos internacionais e nacionais que em absoluto esse intervencionismo condenam. Referindo-se a Confederação Regional Socialista do Sul à ida do sr. Augusto Dias da Silva ao poder, diz:

A participação de um dos nossos companheiros no governo da burguesia após a revolução de Monsanto trouxe para o nosso movimento país a perniciosa propaganda que não nos tem deixado os congressos internacionais nem contido.

Durante o estado de guerra alguns socialistas, em vários países, tomaram parte nos governos, por culpa da burguesia que se aproveitava da situação para se conservar, pois que o seu país se encontrava numa circunstância muito especial.

O nosso país, a sociedade deleitosa de estado de coisas, não só não pode prejudicar a abalar a austeridade pessoal de alguns dos nossos correligionários, como pode ajudar a nossa causa, e a burguesia, com os seus caracteres e compromissos, comprometendo não só a pureza das convicções como prejudicando a acção revolucionária que não nos tem deixado os congressos internacionais nem contido.

Cita ainda o curioso documento a seguinte deliberação do congresso social-democrata de Amsterdam, condenatória da colaboração de classes:

O congresso rejeita energicamente todas as tendências que tendem a fazer a burguesia a nossa aliada, e a burguesia, com os seus caracteres e compromissos, comprometendo não só a pureza das convicções como prejudicando a acção revolucionária que não nos tem deixado os congressos internacionais nem contido.

Que dirão a isto os guardiões da semi-arruinada trincheira da travessa da Boa Hora?

"Bandeira Vermelha"

Pode circular livremente

Dos nossos camaradas da Bandeira Vermelha recebemos a seguinte comunicação cuja publicação nós pedem:

Como se sabe o nosso jornal vinha sendo abusivamente apreendido desde o seu primeiro número. Tal attitude injustificada da policia levou-nos a encetar algumas "demarches" junto do governo e das autoridades superiores, tendo o sr. governador eleito de Lisboa, depois de verificar que o jornal revestia leição doutrinária e não continha materia subversiva, declarado, com o acordo do presidente do ministério, que a Bandeira Vermelha podia circular livremente, com a condição porém de não intervir em convites para reuniões secretas, devendo indicar-se sempre o local de qualquer reunião, e em cada uma das respectivas localidades, ou reunirem na sede desta Federação desde que a não tenham própria.

Previam-se também os camaradas de que a apreensão da "Bandeira Vermelha" era uma arbitrariedade pessoal, devendo dar-nos imediatamente conhecimento de qualquer abuso dos agentes da policia, para procedermos contra eles.

Tem a Bandeira Vermelha

Como a expansão comercial, causa principal da falta de habitações, é dia a dia maior, tornando assim disputados todos os bairros que possam servir de tóca ao bicho humano, uma nova casta surge para explorar essa anomalia.

Bramam elas que os senhorios lhes aumentem as rendas, o que, salvo excepções de alguns mais usados, não é verdade, por o não poderem fazer, e certo, de aí pedirem verbas escandalosas por um quarto que muitas vezes nem esse nome merece.

Como hóspede e vítima dessas feras eu sei que as rendas, na Baixa, de quintos andares, pois não posso habitar terceiros ou quartos, regulam desde 8 a 1

Nós e o sr. Mayer Garção

O presente artigo, em resposta ao que o sr. Mayer Garção publicou em *A Manhã* de ontem, deveria sair em *A Batalha* de hoje; mas como resíduo de Lisboa, a quasi duas centenas de quilómetros da capital, só mais tarde poderá ser publicado, e isto, é claro, na melhor das hipóteses.

Lido de ponta a ponta, de fio a pavio, o artigo citado, eu tenho de concluir o seguinte: Que o sr. Mayer Garção, sempre lido com certo agrado pelas esquerdas, se colocou numa situação desgrazada, neste assunto da Revolução russa, talvez, porque o seu grande coração não sinta os anseios generosos dessa generosa revolução, mas, talvez ainda, por que não quis ou não pôde colocar-se de lança em riste contra o capital...

Sincero como sou, amigo da Verdade até ao sacrifício, concordo que realmente é dentro da Verdade que todos devemos aceitar as nossas responsabilidades. E porque vejo que um bom número de criaturas esconde a Verdade, proposital ou impensadamente, apresentando ao público, inconsciente na sua grande maioria, o lado mau de certas questões, esquecendo-se de apresentar o lado bom, como sucede com a monumental Revolução russa, delibero não me calar, gritando o meu protesto e a minha indignação, arrostando os perigos sempre reservados a aqueles que defendem a Justiça e os princípios de Humanidade.

De novo, pois, eu declaro nobremente que lamento os excessos dos revolucionários russos, não os aplaudo, mas pretendo explicá-los, o que é diametralmente oposto, como o ilustre jornalista certamente compreende. E' boal? Onde é que o sr. Mayer Garção vai descobrir um movimento revolucionário, seja onde for e produziu em qualquer época, que não tenha páginas vergonhosas de crueldades? Então lá porque os republicanos portugueses têm praticado excessos (recorde-me agora, ao acaso, do cobarde assassinato do oficial Soares, da armada, fuzilado por um grupo de feras no átrio dum hotel do Arco da Bandeira), há de atacar-se a República? Lá por que Cristo, indignado com os farfantes e os hipócritas, vergastou violentamente os vendilhões do templo, é justo, é razoável que se malgiam as humanas doutrinas de Cristo? Não! Sou partidário dum sagrado entendimento humano onde a violência seja banida, mas compreendo que, por enquanto, não se podem evitar certas violências, sendo até necessárias. Por exemplo: A violência que a República tem de praticar para se defender das periferias reaccionárias...

Exemplifiquemos com Lénine e Trótski: Estas criaturas são apresentadas como monstros, e até pessoas da categoria moral e intelectual do sr. Mayer Garção cometem o crime de fazer essa propaganda. Monstros, Lénine e Trótski? Mas porque, afinal? Por que tem sabido cumprir o dever de defender valentemente a Revolução, com sacrifício da sua vida e da sua tranquilidade? E' muito boa essa! Nesse caso, senhor Mayer Garção, acompanhe também o coro dos reaccionários, classificando de Monstros todos os gigantes da Revolução Francesa, classificando de Monstros os defensores da Revolução Portuguesa. Temos necessidade de ser lógicos por

que do contrário é escorregadio o campo que trilhamos...

Acredito, porque, repito, conheço algo de psicologia, que a Revolução Russa tenha cometido excessos; mas sei, pela ligo dos factos, que esses excessos tem sido avolumados habilmente pelas corujas capitalistas, monárquicas e republicanas, fazendo girar os grandes rotativos com mentiras infames, e daí o facto de estarmos todos, os socialistas deste e daquela agrupamento, ao lado da Revolução Russa. Vê-se, pois, com extraordinária facilidade, a diferença que existe entre nós e o sr. Mayer Garção: Nós, reconhecendo e lamentando os seus excessos, defendemos a lei; o sr. Mayer Garção, esquecendo-se do seu intuito humano e progressivo, ataca! Não há aqui diferença de atitudes. E' um pau por um olho!

Entretanto, a calúnia e a violência sistematizadas são armas dos reaccionários e dos conservadores. Vá lá um exemplo de casa: Quando do movimento insurreccional no concelho de Odeira, em Novembro do ano passado, fui eu dado como capitaneando bandos de assassinos e de assassinos, em cujo programa entrava a chacina de dezenas de crianças!... Pois é verdade: propalou-se esta monstruosidade, esta infâmia, sabendo toda a gente que o meu humanismo, de que me orgulho, vai até ao ponto de pretender viver de harmonia com as moralíssimas leis vegetativas e podendo atestar-se com dezenas de testemunhas idóneas que estive no concelho de Beja entre 12 e 24 do referido mês de Novembro, tendo-se dado aqueles tristes acontecimentos entre 19 e 22 do referido mês!

Já vê, pois, senhor Mayer Garção, que incidindo tam miseravelmente a calúnia sobre pigmeus como eu, zo que admira que incida sobre gigantes como Bela Kun, Radek, Lénine, Trótski e tantos outros? Não, de modo nenhum! São mentirosas, são farfantes, são indignidades, são infâmias, espalhadas pela imprensa dos bandoleiros da finança, e não fica bem que o sr. Mayer Garção, com um honesto passado de combates contra os privilegiados, ande de braço dado com esses melcates! As mentiras dessa gente! Pois o vigoroso jornalista republicano não viu o que se passou com o chamado decreto da socialização das mulheres? Não lhe parece que essa calúnia dá uma precisa ideia das outras?

Tivesse *A Batalha* o espaço necessário, e dispusesse eu do preciso vagar, que muito teríamos que bedelhar. Ainda assim, com sacrifício daum espaço deste jornal e com sacrifício do meu tempo, não me calarei, prometendo conversar o que tal precise...

Reparo agora, depois de ver negrojar sete linguagens, que ficaram por analisar muitos pontos do artigo de *A Manhã*. A tirania da falta de espaço... Ultimando este artigo, seja-me permitido dizer que encontro extraordinária a colaboração dada pela *Manhã* à causa má que a burguesia defende, quando o seu director, que é um excelente trabalhador do cérebro, se queixa da sua precária situação económica. Já? Então o sistema burguês que há de fazer a justiça económica? Não vamos por esse caminho...

5-11-1919.

Gonçalves CORREA

Vida cara e difícil

Aprensão de duas sacas de açúcar

O nosso camarada Antonio de Oliveira, estando ontem no Campo Grande, viu a porta do predio 165, uma carroça, que estava descarregando sacas, que estavam tapadas com palha. Intrigado com o caso, chamou para ele a atenção do guarda civil 267. Avariou-se, então, que essas sacas continham açúcar, tendo sido apreendidas e removidas para a 8.ª esquadra. Uma vez ali, os policiais disseram que não o venderiam ao público, porque também necessitavam de açúcar.

A questão da pesca em Setúbal

Esteve na nossa redacção uma comissão da Associação dos Trabalhadores do Mar de Setúbal, que nos declarou que o conflito piscatório, que estava em vias de solução, se agravou novamente, por os industriais, depois de acordarem com a classe marítima, que o peixe fosse vendido nas condições anteriores, exceptuando nas condições determinadas firmes que não ofereciam confiança, se recusaram a assiná-lo. Os trabalhadores do mar encontraram-se há 19 dias em terra, lavrando entre eles grande descontentamento, pela forma como as classes de terra, os industriais e as autoridades marítimas tem encariado a questão. Mais nos declarou essa comissão que, na primeira oportunidade, trará a público relação das firmas que, pela sua situação económica, não merecem o crédito da classe marítima, um dos motivos que a determinou não lhes fornecer peixe a crédito. O administrador do concelho tem procurado resolver o conflito, tendo-se frustrado, porém, todas as demarches, em face da irreducibilidade manifestada pelos fabricantes.

Acompanhava a comissão marítima de Setúbal, uma outra dos marítimos de Cezimbra que, na eminência de serem sensivelmente apertados nos seus interesses económicos, pela resolução dos industriais de Setúbal, de adquirir eceros a vapor, veem apresentar o seu protesto contra tal medida junto do ministro da marinha.

Os alemães nas províncias bálticas

A *«Deutsche Allgemaine»* diz que só lá se encontram 35.000 soldados germânicos

BASILEIA, 6. — O *«Deutsche Allgemaine Zeitung»* qualifica de invenção a notícia da Agência Havas, segundo a qual nos países bálticos se encontram ainda 100.000 soldados alemães, concentrados a Alemanha ao mesmo tempo, secretamente, outros 100.000 homens para atacar a Polónia.

O número de soldados alemães mesclados com as unidades russas foi calculado há pouco tempo em 35.000 homens pelas autoridades alemãs. — *Radio.*

A restauração do império alemão

Paris, 5. — Um diplomata belga que acaba de chegar da Holanda — diz o correspondente do *Petit Journal* em Bruxelas — fez a seguinte declaração que constitui um grito de alarme:

«As potências aliadas expõem-se a graves surpresas se tardarem em reclamar a extradição do ex-kaiser e do ex-kronprinz, pois todas as influências imperialistas trabalham na Holanda a favor de uma restauração dos Hohenzollerns.

«A chamada República Alemã mantém na legação da Haia o representante do ex-kaiser, barão de Rosen, amigo do ex-imperador, o qual se acha em comunicação constante com o tenente antigo Sehnor, com o ex-kronprinz, e com todos os partidários duma restauração imperial na Prússia, os quais pululam em graves surpresas se tardarem em reclamar a extradição do ex-kaiser e do ex-kronprinz, pois todas as influências imperialistas trabalham na Holanda a favor de uma restauração dos Hohenzollerns.

«A chamada República Alemã mantém na legação da Haia o representante

A BATALHA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

União dos Sindicatos operários. — To not outem posse a nova comissão administrativa que distribuiu os cargos da seguinte forma:

Secretário geral, Bernardino dos Santos; adjunto Antonio Marvão; secretário administrativo Inácio Costa; arquívista, Rosendo Felix dos Santos; tesoureiro, Francisco Viana, adjunto; Carlos Coelho e cobrador Vitor Martins; tendo resolvido reunir todas as terças-feiras às 20 horas:

A nova comissão administrativa, constata com satisfação que temou posse precisamente no dia em que passou o 2.º aniversário da grande revolução russa e ao começar os seus trabalhos saudou os revolucionários do Oriente e todos aqueles que presentemente lutam pela emancipação das classes trabalhadoras, especializando contudo os presos por questões sociais, que se encontram a ferros da República Portuguesa. Apela para que todos os operários se unam e ingressem nos seus sindicatos, a fim de com mais rapidez nos prepararmos para receber a aurora de verdadeira emancipação que se avizinha breve.

Na próxima segunda-feira reúne a assembleia de delegados, para tratar do inquilinato.

Todas as noites, das 20 às 23 horas, encontra-se nsta sede quem atenda qualquer assunto respeitante a este organismo.

A comissão administrativa, constatou com prazer a rectificação franca e leal feita pelo jornal *A Capital*, às insinuações por ela publicadas contra a organização operária, sauda o jornal *A Batalha* pela enérgica defesa que fez do operariado, lastimando que outros jornais aproveitavam-se do atentado a Alfredo da Silva, (com que nada temos), aconselhassem a usar contra o operariado maiores perseguições do que aquelas que nos tem sido movidas.

Sindicato Unico Metalúrgico. — O Conselho Técnico e de Melhoramentos apreceio vário expediente de Lisboa e províncias e deliberou sobre os seguintes assuntos:

Recomendar, mais uma vez a toda a classe metalúrgica, que não abdique da regalia das 8 horas de trabalho, conquistada pelo seu esforço, sendo uma das suas velhas aspirações. Que tenha em consideração que as horas suplementares, tendo sido aceites em principio pelo Sindicato, só serão aceitáveis nas seguintes condições: Quando se reconhecer a urgência excepcional de trabalho, e nesse caso pagas a 100 % sobre o salário das 8 horas, e quando no bolsim de trabalho do Sindicato não existam metalúrgicos sem trabalho inscritos.

Mais tratou o Conselho de assuntos de ordem sindical, deliberando reunir com todos os seus membros ordinariamente para o estudo do programa de defesa dos interesses de classe e extraordinariamente quando alguma eventualidade surja. Resolver também a criação de uma secção em Cascais a instâncias dos metalúrgicos daquela localidade.

União dos Sindicatos Operários de Almada. — Tomou resoluções de carácter reservado e apreceio a violência do administrador do concelho, que, sem respeito pelo direito de reunião, proibiu o comício que esta União realizava no dia 6, de protesto contra a carestia da vida e aumento de renda de casas. Foi resolvido não desistir da realização desse acto na próxima quinta-feira.

Na segunda-feira próxima realizam-se as primeiras reuniões de protesto contra a arbitrariedade da autoridade, nas associações da Construção Civil de Almada e Trabalhadores de Mar e Terra de Casilhas.

Serventes de Pedreiro e Estuador. — Reuniu na passada quarta-feira, para aprovação dos estatutos confederados, sendo aprovados. Em vista das camaradas que compõem a comissão do Bairro Social n.º 1, terem uma certa relutância em continuarem a frente dessa comissão, a assembleia aprovou por unanimidade a seguinte proposta: «Em vista da imperiosa necessidade que existe de se manterem as comissões operárias dentro das obras dos Bairros Sociais, com o fim de tratarem dos interesses dos operários das mesmas obras, esta assembleia declara a sua plena confiança nas camaradas que compõem a comissão do Bairro Social do Arco do Cego, incumbindo-as, assim como a todos os operários da mesma obra, a manterem-se à altura de operários conscientes».

Esta assembleia resolveu também protestar enérgicamente contra a campanha difamatória, que o jornal burguês *A Capital* tem feito contra a organização operária, incitando todos os trabalhadores conscientes a desprezarem tal jornal. Resolveu também dar todo o seu apoio moral e material à U. S. O., para que ela leve a bom termo o movimento contra a gananciosa roubalheira dos senhores.

Pedreiros. — A comissão de defesa profissional resolveu officiar aos mestres de obras, engenheiros e arquitectos, pedindo-lhes uma entrevista. Exarou na acta um voto de reconhecimento à imprensa diária pela forma como acolheu o manifesto desta classe. Na terça-feira reúne esta comissão juntamente com a direcção.

Polidores de Móveis. — Apesar do grande número de adesões, deve esta classe estar alerta, pois a comissão de aumento de salário suspeita que alguns indivíduos não cumprem com os compromissos firmados. Essa comissão confia em que a classe saberá portar-se como é necessário. Foram entregues mais as seguintes adesões de industriais que acedem às reclamações dos polidores de móveis:

A. J. Simões, João A. M. Vasconcelos, José S. Reixa, Nobre J. Garcia, Jacinto N. Nascimento, Sebastião Costa, empreiteiro da casa Gil D. Assunção, Domingos Trigo, Narcizo Fernandes, Maria da Conceição Couto & C.ª e Manuel J. do Rozário.

Os delegados das oficinas reúnem hoje, pelas 22 horas, para tratarem dum assunto urgente e fazerem entrega das colações recebidas.

Cartonageiros. — A comissão de melhoramentos, tem reunido todas as noites, das 20 às 22 horas, para tratar das reclamações da classe a apresentar aos industriais. Qualquer camarada que tenha algum alvite a apresentar à mesma comissão, poderá comparecer perante ela. Na próxima semana haverá uma sessão de propaganda, para preparação do que a comissão de melhoramentos tenta fazer.

Sindicato Unico da Indústria Mobiliária. — Reuniram ontem as sub-comissões deste sindicato, que resolveram activar os seus trabalhos a fim de em breve ser organizado o Sindicato Unico das Classes Mobiliárias de Lisboa. A comissão de propaganda enceta na próxima semana a sua missão, distribuindo um manifesto circunstanciado nas necessidades desta organização. De acordo com os delegados de todas as associações aderentes a esta comissão, resolveu marcar as seguintes sessões: A manhã, classe dos siqueiros, no próximo dia 14, as classes da indústria instalada na sede da Federação Mobiliária, no dia 18 no Alto de Pina, no dia 2 no Peseiro Extraordinário dos Tabacos, no dia 25 em Campo de Ourique, e no 27, em Alcântara. Foi officiado a vários organismos para que cedam as suas sedes para a realização dessas sessões. Também resolveu instar com os sindicatos aderentes para que reúnem, para apreciação dum parecer.

Essas reuniões efectuar-se-ão: a dos Marceneiros, a 19; a dos Polidores, a 21; a dos Cesteiros, a 23; a dos Estofadores, a 24; a dos Entalhadores, a 26; a dos Torneiros, a 28.

Estranha esta comissão que o sindicato dos Colchoeiros ainda não tenha nomeado os seus delegados, a despeito de vários convites que se lhe tem feito, esperando que compareça, na sede deste sindicato, um delegado da direcção, na próxima segunda-feira, às 20 horas.

Acendendo ao convite desta comissão, o sindicato dos Torneiros em madeira, votou a verba que lhe compete para as despesas com a fundação do Sindicato Unico.

Cerâmicos. — A direcção desta associação previne que as festas do seu 1.º aniversário e da inauguração da sua bandeira, que deviam realizar-se amanhã, ficam transferidas para domingo a oito dias. Por esta forma ficam prevenidos, todos os organismos que receberam officios de convite.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional Corticeira. — Reúne amanhã, pelas 12 horas.

Chapeleiros. — Reúne no domingo a direcção deste organismo, pelas 15 horas, para apreciar a circular da C. G. T., comparando delegados da U. S. O. e da extinta U. O. N.

Bairro Operário Económico da Ajuda

Após 12 dias de luta, para conquista de 15 000 nos salários dos serventes de pedreiro, retomaram estes camaradas o trabalho no dia 5 do corrente, com satisfação da sua reclamação.

Não pode deixar a comissão de melhoramentos da indústria, neste momento, de prestar o seu reconhecimento ao engenheiro sr. Craveiro Lopes, pela forma porque foi recebida.

O mesmo não pode dizer a comissão do comissário do governo junto das obras, porque, nas duas vezes que falou com o dito senhor, foi recebida menos delicadamente, o que não é próprio de criaturas que devem ser educadas.

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Esta comissão teve conhecimento de que foram aliciados mais os seguintes camaradas: Carlos da Silva, Raul Vaz, Alvaro Vasques, Adolfo Marques, Francisco Pereira, José Pinheiro, Victor Judicibus e Sanches José Pereira. Na segunda-feira serão aliciados mais alguns camaradas. As famílias dos presos devem comparecer hoje, para prestarem declarações necessárias para o bom andamento das fianças, até à próxima segunda-feira.

Novamente se chama a atenção do proletariado para a necessidade de se auxiliar, monetariamente, as vítimas da perseguição republicano-burguesa. Os rurais do Vale de S. Tiago que estavam na cadeia de Odeira, também já foram aliciados.

Os operários do município agitam-se

Devido à péssima situação económica em que estes operários se encontram e para tratar ainda de alguns assuntos que a última greve não conseguiu solucionar, são convocados todos os operários que constituem esta classe a reunir-se em sessão magna na Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, amanhã, pelas 15 horas.

Deliberar-se há nesta sessão qual o caminho a seguir em face da insustentável situação actual.

Postos sindicais de barbear

Na sede da C. G. T., e na do sindicato dos operários barbeiros, continuam funcionando postos sindicais de barbear, onde trabalham barbeiros que ficaram sem trabalho, devido ao último movimento grevista daquela classe. O proletariado consciente tem o dever de se utilizar d'elles.

THEATRO SÃO LUIZ

Em consequência da complicada montagem scenica do novo acto intitulado

O ROCTO

com que é ampliada a revista O PÉ DE NINA fica transferida a 1.ª representação para a próxima terça-feira 11.

As 8 horas de trabalho

Fábrica de Tecidos de Seda

Na Fábrica de Tecidos de Seda do industrial Francisco Henrique Tota, conseguiram os operários que ali trabalhavam, por meio da greve, alcançar o dia de 8 horas e um aumento de 40 % para substituir o que poderiam auferir num trabalho desumano de dez e dez e meia horas. Porém, alguns operários tem aproveitado a adoração do almoco, ficando a trabalhar na oficina pelo que recebem mais alguns patacos. Para exemplo desmoralizador, para essa falta de solidariedade, chamamos a atenção da classe.

A jornada de oito horas nas alfaiatarias

Camarada redactor. — Peço a v. a. a fíniza da publicação destas linhas na nossa *Batalha*, a fim de assim concorrer com o meu fraco esforço em prol do horário de oito horas de trabalho.

Como é sabido entrou em vigor o novo horário de trabalho, e apesar de nas principais alfaiatarias ele ser já um facto, numas por espontanea vontade dos respectivos industriais, noutras por imposição do respectivo pessoal, o que é certo é que os industriais de alfaiatarias pensam em não retirar essa regalia.

O que é para lastimar é que as autoridades, que tão prontas são em fazer cumprir as leis, quando estas são contrárias ao operariado, não tenham até agora demonstrado essa actividade a propósito da lei das oito horas de trabalho, resultando de aí a conclusão de que a lei não terá efeito algum se os interessados não ousarem valer o seu próprio esforço.

E no entanto, governo e parlamento aprovaram a referida lei; o *Diário do Governo* publicou-a; mas com que confiança podem os operários encarearem estas instâncias officiais, se elas são as primeiras a não a respeitarem, não mettendo na ordem aqueles que não a acatam?

Evidentemente o reformismo em Portugal está morto e a principal causa do seu suicidio é o que se passa hoje com o novo horário de trabalho. Se o operariado daquelas industrias, que ainda não tinha pelo seu próprio esforço, conquistado as oito horas de trabalho, não empregar toda a sua energia, poderão estar certos de que o novo horário vai-se, como foram aquelas leis d' lucros da guerra, cambiais, inquilinato, etc.

E' pois necessário que todos os operários alfaiates, que trabalham a dias, defendam por todos os meios o novo horário do trabalho, e aqueles que trabalham a obras, se o não podem cumprir, reclamem aumento da mão de obra, para o que a comissão administrativa do respectivo sindicato deve sem perda de tempo convocar a assembleia da classe, para se fazer a necessária propaganda do novo horário, não confiando na lei, por que ela é de aguas mornas. Se a não conquistarmos agora, depois será tarde. Portanto todos os meios são legítimos, tanto mais quando empregados a favor duma lei, contra aqueles que querem conservar-se fora da lei, isto é, a inversão dos factos, o sindicalismo revolucionário a formar o habito do novo horário, para depois entrarem a lei em execução. — *Alberto Monteiro.*

Em Alcácer do Sal

Chegaram ante-ontem a Lisboa nove camaradas vindos de Alcácer do Sal, porque um tal sr. Bispo, chefe da 2.ª Secção, os tinha despedidos, por não quererem subordinar-se a trabalhar 10 horas.

Este cavalheiro, que puxou de uma pistola e ameaçou de que ia buscar a guarda republicana contra aqueles que não quizessem acatar as suas ordens, tem um seu acólito, de nome Manuel Branco, que foi quem executou as ordens de despedimento feitas pelo tal Bispo.

Porém, o sr. Branco exerce ainda o cargo de encarregado e, como pseudo-emprego, explora desalmadamente os trabalhadores, pois levanta o dinheiro por trabalhos de tarefa e paga por jornal uma insignificancia, obrigando aqueles a trabalhar 10 e 11 horas.

Nesta construção, que é do Estado, a linha do Vale do Sado tem em Alcácer do Sal, como chefe, o tal sr. Ribeiro, celebrado na Funcheira, de parceria com o mestre Medronho, que, como régulo, dispõe a seu belo talante do que muito bem entende, sem respeitar as próprias leis do Estado, seu patrio.

Na construção da ponte e nas terraplanagens, onde trabalham actualmente mais de 600 operários, quanto lucraram tais magnates com a exploração que fazem!

Não pode ser consentindo por mais tempo que o horário de 8 horas não seja cumprido, demais tratando-se de trabalhos do Estado.

Aconselhamos os operários a organizarem-se para se defenderem das arremetidas dos seus verdugos e, ao mesmo tempo, para conquistarem mais alguma coisa, pois que de outro modo nada conseguirão.

«Não haverá da parte da direcção dos caminhos de ferro do Estado, um pouco de escrúpulo para fazer entrar na ordem os seus subordinados que assim procedem?»

Haja dignidade e coerência, pois que o Estado devia dar o exemplo, cumprindo as suas próprias leis, para que os outros as respeitem.

A greve na fábrica de papel da Abelheira

O secretariado da Federação do Livro e do jornal, ontem reunido, apreciando o conflito existente na fábrica do papel da Abelheira, cuja companhia não quer cumprir o decreto sobre as 8 horas de trabalho, resolveu enviar amanhã delegados seus, no intuito de procurar solução para o mesmo conflito.

Trabalhadores lide e propagai a batalha

ULTIMAS NOTICIAS

O movimento pró-Rússia

E' extraordinária a efervescência entre o proletariado francês — Reclama-se a greve geral pró-Rússia

PARIS, 6. — Observa-se em todo o país um recrudescimento de febre grevista e os extremistas da Confederação Geral do Trabalho estão fomentando um movimento geral.

Num comício, em que figuravam numerosos representantes dos sindicatos de Paris e dos departamentos, decidiu-se pedir à Confederação que convoque o Conselho Nacional, para que se discuta a oportunidade de uma greve geral para salvar a Revolução Russa.

Reina uma extraordinária efervescência no elemento operário. A cidade de Lille está completamente às escuras, como consequência da greve dos operários da fabrica do gaz. Quinze mil operários da indústria da seda, de Lyon, abandonaram o trabalho, e os operários das fabricas de tecidos declararam a greve por solidariedade. — *Radio.*

A guerra vermelha

Os reaccionários, forçados a recuar, evacuem Gatchina

STOCKOLMO, 4. — Segundo uma informação digna de fé aqui recebida, os bolchevistas devem ocupar no domingo a cidade de Gatchina, que foi evacuada há 3 dias. A frente da batalha está agora situada a 15 verstas a oeste daquela. — *H.*

As baterias de Cronstadt reduzidas ao silêncio

LONDRES, 5. — Um telegrama de Rva anuncia que, depois dum bombardeamento de vários dias pelos navios de guerra aliados, as baterias bolchevistas de Cronstadt foram reduzidas ao silêncio. — *Radio.*

Um dos governos reaccionários russos faz um empréstimo

ZURICH, 5. — Comunicam de Berlim que o governo russo, constituído recentemente na capital alemã, sob a presidência do general Beskupski, realizou um empréstimo de 300 milhões de marcos. — *Radio.*

Contra o bloqueio da Rússia

Um protesto de um grupo de escritores e publicistas franceses

PARIS, 6. — Um grupo de distintos escritores e publicistas franceses assinaram o seguinte protesto contra o bloqueio da Rússia:

«Uma grande nação infaturada, exausta, desolada e esgotada por uma guerra civil e outra estrangeira, está próxima a ser vítima duma calamidade mais terrível ainda que todas as que tem experimentado até agora: a Rússia vai ser cercada por um bloqueio inexecusavel, sem precedentes.

«Para levar a cabo este acto inhumano, os governos aliados fizeram causa comum com os seus inimigos de ontem e não vacillaram em exercer pressão sobre as potências neutras.

«Protestamos com toda a força dos nossos corações e da nossa alma, contra o facto, indigno da Humanidade em geral e das tradições da nossa Pátria em geral. — *Radio.*

EM CHAVES

O horário de 8 horas ameaçado

A Confederação Geral do Trabalho recebeu o seguinte telegrama da União Operária Transmontana:

CHAVES, 7. — O administrador deste concelho ameaça desrespeitar o decreto que estabelece o horário de trabalho de 8 horas, dizendo não abrandar as classes da construção civil. Pedimos à Confederação Geral do Trabalho que nos informe. — *União Operária Transmontana.*

NOS ESTADOS UNIDOS

A greve mineira

Por o governo querer esmagar os mineiros, o movimento prolonga-se, o que origina sérios prejuizos

WASHINGTON, 6. — Em consequência da negativa dos mineiros em revogar a ordem de greve, o governo restabeleceu a fiscalização administrativa da produção do carvão tal como existia antes da guerra.

O sr. Palmer, procurador geral, declara que, segundo as suas impressões, um numero importante de mineiros deseja continuar o trabalho, annunciando que lhe será concedida absoluta protecção. Acrescentou que, se a greve durar algum tempo, fará morrer de fome e de frio milhares de americanos; e que um mez causará muitos mortos. A greve, em sua opinião, representa um atentado contra a existência da Nação e é mais ruinosa que um exercito de invasores. — *Radio.*

ENTRE OS ALIADOS

A divisão do poder naval alemão

PARIS, 6. — Confirma-se que em compensação dos barcos de guerra alemães afundados em Scapa Flow, a França receberá seis cruzadores, ao passo que a Inglaterra serão concedidas duas, gruas, material de portos e docas flutuantes. — *Radio.*

Na Dinamarca

COPENHAGUE, 3. — Um choque de comboios que se deu perto de Vigerey a quatro milhas de Copenhague fez com que se voltassem seis wagons e que outros ficassem destruidos. O numero de mortos eleva-se a 70. — *Vilas.*

A restauração do império alemão

Paris, 5. — Um diplomata belga que acaba de chegar da Holanda — diz o correspondente do *Petit Journal* em Bruxelas — fez a seguinte declaração que constitui um grito de alarme:

«As potências aliadas expõem-se a graves surpresas se tardarem em reclamar a extradição do ex-kaiser e do ex-kronprinz, pois todas as influências imperialistas trabalham na Holanda a favor de uma restauração dos Hohenzollerns.

«A chamada República Alemã mantém na legação da Haia o representante

Parce que os elementos monarchicos trabalham activamente para a conseguir

do ex-kaiser, barão de Rosen, amigo do ex-imperador, o qual se acha em comunicação constante com o tenente antigo Sehnor, com o ex-kronprinz, e com todos os partidários duma restauração imperial na Prússia, os quais pululam em graves surpresas se tardarem em reclamar a extradição do ex-kaiser e do ex-kronprinz, pois todas as influências imperialistas trabalham na Holanda a favor de uma restauração dos Hohenzollerns.

«A chamada República Alemã mantém na legação da Haia o representante

